

REGISTRO LEXICOGRÁFICO DOS ITENS AFIXAIS À LUZ DA MORFOLOGIA CONSTRUCIONAL

Carla Maria Bastos dos SANTOS*

ABSTRACT: By means of the observation and analysis of the articles of affixes, we recognized the need of a linguistic base for general use dictionary. Adopting as theoretical referential the model of Constructional Morphology (CORBIN, 1987), especially in its descriptive adequateness, the present study aims to bring a contribution to the lexicographical practice. So, we identified the existence of homonymous suffixes and we considered that they may be contemplated in the current lexicographical registrations. As another contribution from this study, we suggested the specific informations which characterize each one of the studied suffixes (-ção₁ and -mento₁) may be incorporated to the respective affixal article. In accordance to the theoretical basis adopted, we have presented a proposition of the organization for affixal articles of -ção₁ and of -mento₁ for general use dictionary.

KEYWORDS: Lexicography; affixes; Constructional Morphology.

1. Introdução

A partir da observação e da análise de verbetes de itens afixais nos dicionários vernaculares, verificamos que tais obras lexicográficas carecem de embasamento teórico-metodológico que justifiquem as decisões necessárias ao registro dos afixos da língua. Nesse sentido, nosso objetivo é apresentar fundamentação linguística ao registro lexicográfico dos itens afixais, tanto no que se refere às decisões relativas à macroestrutura da obra, quanto no tocante à microestrutura dos verbetes dos afixos.

Para alcançarmos esse objetivo, organizamos o presente artigo em cinco seções, incluindo esta introdução, que situará a pesquisa no âmbito dos estudos lexicais. Na segunda seção, apresentaremos o registro lexicográfico atual de itens afixais em dois dicionários vernaculares. Na terceira seção, trataremos características e princípios relevantes da Morfologia Construcional, assumida como fundamentação teórica desse estudo. A partir daí, passaremos à seção quatro, de aplicação do modelo teórico ao registro lexicográfico dos itens afixais, que permitirá a proposição de verbetes de dois sufixos. As considerações finais sobre esse estudo são objeto da última seção.

É importante registrarmos que este estudo é resultante de pesquisa metalexigráfica sobre -ção e -mento realizada anteriormente (SANTOS, 2006)¹. O enfoque metalexigráfico² decorre da reflexão crítica que advém da análise e da comparação de textos lexicográficos, em especial aqui, de verbetes afixais. Defendemos a inclusão de entradas relativas aos itens afixais nos dicionários de língua geral, pois as informações específicas a esses formantes contribuem para o conhecimento do léxico, podendo servir “não

* Doutoranda; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹ Em Santos (2006) foi desenvolvida pesquisa que culminou com a elaboração da dissertação de mestrado em Teoria e Análise Linguística junto ao Programa de Pós-Graduação da UFRGS e, em continuidade, deu origem ao projeto de tese que vem sendo desenvolvido atualmente.

² A metalexigrafia, identificada como lexicografia teórica, permite uma abordagem reflexiva e crítica específica da prática lexicográfica e do seu produto final, o dicionário. Nosso posicionamento acerca desse assunto encontra-se no primeiro capítulo de Santos (2006).

só à criação de palavras novas como também a um melhor entendimento da constituição do léxico” (BIDERMAN, 2004, p. 187). É com esse entendimento acerca dos itens afixais que passaremos à próxima seção, destinada à observação do registro de dois itens afixais produtivos na língua.

2. Observação dos registros lexicográficos dos itens afixais

A presente seção destina-se à observação de verbetes de entradas afixais em dois dicionários vernaculares de edições eletrônicas, ambas de 2004: o *Novo Dicionário Aurélio*, versão 5.0 (NDA) e o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, versão 1.0.7 (DEH). Dada a necessidade de recorte no universo dos elementos afixais, privilegiamos os sufixos e, dentre eles, tomando por critérios produtividade e proximidade semântica, restringimo-nos ao estudo de -ção e de -mento. Rocha (2003, p. 127) justifica serem esses os “sufixos nominalizadores mais produtivos do português”³, o que é corroborado por Basílio (2004, p. 42). Quanto à proximidade semântica, temos que -ção e -mento são identificados como “sufixos concorrentes”, ou seja, que correspondem em função e sentido (ROCHA, 2003, p. 112), podendo ainda ser encontrados em “formas duplas” na língua (SANDMANN, 1996, p.54): aplicados sobre a mesma base, sem que haja bloqueio entre as palavras assim construídas⁴.

Antes de passarmos aos verbetes de -ção e -mento nos dois dicionários consultados, convém salientarmos a importância das informações constantes nos textos de apresentação das obras dicionarísticas e, como é de se esperar, a necessidade de coerência entre os dados constantes no interior da obra e o posicionamento inicial do lexicógrafo. Cabe-nos observar, então, o que os dicionários trazem sobre os verbetes afixais:

- a) A versão eletrônica do NDA não traz um texto inicial de Apresentação, mas disponibiliza alguns textos-suporte ao usuário. Temos, ali, que as entradas relativas a formantes deverão ser antecedidas pelo sinal (Δ), assim especificado no campo Ajuda/Verbetes: “ Δ Indica *elemento de composição*: prefixo, sufixo, infixo” (FERREIRA, 2004, grifo do autor). Depreende-se daí que todos os “elementos de composição” devem se enquadrar em um desses três grupos e que meras terminações não são caracterizadas como “elementos de composição”. Vemos que no interior de alguns verbetes antecedidos pelo sinal Δ é expresso que se trata de um sufixo (como em -mento), enquanto em outros, também assinalados, nada consta (em -ção).
- b) No texto de Apresentação do DEH, verificamos a preocupação com o levantamento e análise minuciosa dos elementos mórficos da língua, os quais são divididos em dois grupos: de um lado os “elementos formadores” de vários tipos (incluindo aí os “sufixos” e outros “elementos de composição”) e, de outro lado, as “terminações”, entendidas como “partículas originalmente sem significado próprio e por vezes tomadas como sufixo” (HOUAISS, 2004). Veremos, entretanto, que nem sempre os verbetes dos “elementos mórficos” trazem clareza acerca da sua identificação. Além disso, é defendida ali a definição efetiva de conceitos em lugar da sinonimização e uma minidefinição da acepção nos casos de remissões a outras

³ Assumimos, aqui, a nominalização como a relação das propriedades lexicais comuns entre nomes e palavras de mesmo radical que pertençam a outra categoria, em especial, à categoria verbal (SANTOS, 2006, p. 50), coincidindo com a noção de nominalização *strictu sensu* adotada por Rocha (2003, p. 126).

⁴ Ao que Monteiro (2002, p.162) chama de “formas alternativas vizinhas”.

entradas. Causa-nos estranhamento, então, a ausência de informação, nos verbetes de –ção e –mento, quanto ao sentido atribuído às palavras, além de observarmos a alta frequência da remissiva “m.q.” (mesmo que) nos verbetes de palavras com esses formantes.

Dito isso, passamos à observação dos registros relativos a –ção e a –mento apresentados nesses dois dicionários: primeiramente analisaremos a abordagem do NDA e, em seguida, a abordagem do DEH. Salientamos, de antemão, que os verbetes de –ção nesses dicionários apresentam poucos dados e não identificam com clareza tratar-se de um “sufixo”. Temos ali remissivas diretas às entradas –ão, cujos verbetes, esses sim, recebem tratamento sufixal e mostram-se mais completos em termos de informações, levando-nos a incluir –ão na nossa consulta.

Trazemos, aqui, o verbe de –ção, conforme consta no NDA:

Δ -ção

[Do lat. *-tione* (do acus. do lat. *-tio*, *ōnis* < *-t-*, do part. pass., ou supino, + lat. *-io*, *ōnis*.) 1. V. *-ão*³.

A entrada é antecedida pelo sinal “Δ”, que marca elemento de composição, sem que seja expresso, no interior do verbe, tratar-se de um “sufixo”. O verbe apresenta unicamente dados etimológicos e remete diretamente à terceira entrada do formante –ão nesse dicionário:

-ão³

[Do lat. *-iōne* (do acus. do lat. *-io*, *ōnis*.) Sufixo nominal 1. = ‘ação’ ou ‘resultado da ação’: *arranhão*, *puxão*. [Equiv.: *-ção*, *-ição*, *-(s)ão*: *nomeação* (< lat.); *absolvição*; *extensão* (< lat.), *agressão* (< lat.).]

Vemos que, no corpo do verbe, –ão³ é explicitamente apresentado como um sufixo, neste caso, responsável pela formação de substantivos. Temos, aqui, um único sentido atribuído ao sufixo, de “‘ação’ ou ‘resultado da ação’”, seguido de exemplos e com alusão a formas equivalentes –ção, –ição e –(s)ão, que são registradas como entradas lexicais neste dicionário, quando são expressas a sua origem latina e a remissão a –ão³. É de se atentar para a ausência de –ação (com a vogal do tema verbal) ao lado de –ição (em que a vogal do tema sofreu elevação vocálica).

A mesma estrutura e praticamente as mesmas informações apresentadas no verbe de –ão³ do NDA são encontradas no verbe de –mento:

Δ -mento

[Do lat. *-mētum*, *i*.] Sufixo nominal 1.= ‘ação ou resultado da ação’; ‘coleção’: *ferimento*; *fardamento*. [Equiv.: *-imento*: *aparecimento*, *corrimento*, *crescimento*.]

Novamente temos a identificação expressa de ser este um sufixo nominal. Chama a atenção, aqui, o fato de, em uma única acepção, constarem dois sentidos diferentes, que requerem bases de categorias distintas: ao sentido de ‘ação ou resultado da ação’ (com base verbal, como em *ferimento*) une-se a noção de ‘coleção’ (com base nominal, como em

fardamento). Sem alusão a –amento, a forma –imento⁵ é o único equivalente identificado no verbete, constituindo entrada específica nesse dicionário, quando simplesmente é mencionada a sua equivalência com –mento.

A não-inclusão das formas –amento e –ação como entradas no NDA com o mesmo status das atestadas –imento e –ição, em última instância, evidencia a carência de uma proposta teórica que fundamente as decisões que foram tomadas quanto à seleção das entradas e, da mesma forma, quanto às informações constantes no interior dos verbetes deste dicionário.

Considerando a descrição dos formantes no DEH, vemos que neste dicionário, além das entradas relativas a –ção, –ão e –mento, são elencadas também como entradas lexicográficas as formas –ação, –eção e –ição. Todas essas entradas são antecidas pelo sinal □, indicando alteração de classe gramatical na construção da palavra, entretanto observamos que ainda não há clareza suficiente quanto à identificação da natureza dos segmentos em questão – se são sufixos, elementos de composição ou meras terminações, conforme a classificação proposta na Apresentação do dicionário. Ao que nos importa, aqui, os verbetes do DEH, além de trazerem mais informações do que os do NDA, diferem daqueles basicamente em dois aspectos: (a) informam que –ção e –mento são formadores de substantivos abstratos, oriundos/derivados de radicais verbais; e (b) não expressam a paráfrase do sentido das palavras construídas pelos sufixos, como, por exemplo: “ação de V”.

Observemos, então, o verbe de –ção no DEH:

-ção

□ **terminação 1** ocorre em aumentativos por mera convergência fonética [ver -ão (5) em raros casos como *calção*, *mação*]; 2) em pal. substantivas e/ou adjetivas por mera convergência fonética [ver -ão (2) em casos como *brabanção*, *cação* etc.]; 3) em palavras como *braganção*, *forção*, *monção*; ver -ão (3); 4) ver, por fim, em -ão (1), como suf. de subst.fem. abstratos, com a flexão de pl., oriundos de rad. verbais, quase todos do supn., as séries (1) e os indicados em -ção da série (2); os subst.fem. abstratos referidos em (4) *supra*, quer da série (1), quer da série (2), potencializam adj. em -cional (ainda que redundantes - tipo *educação: educativo: educacional, retenção: retentivo: retencional*), que, por sua vez, potencializam a constelação mórfica -ismo: -ista: -ístico, bem como (não raro tb. redundantemente) a constelação -izar: -ização: -izante: -izável etc.; p.ex.: *educação: educacional: *educacionalismo: *educacionalista: *educacionalístico, bem como *educacionalizar: *educacionalização: *educacionalizante: *educacionalizável (por sua vez, fonte de *educacionalizabilidade...); retenção: retencional: retencionalismo: retencionalista: retencionalístico*; tais constelações não proscovem, potencialmente, f. mais contractas, p.ex.: *educação: educacionismo: educacionista: educacionístico, educacionar: educacionação: educacionante: educacionável* etc., *educacionizar: educacionização: educacionizante: educacionizável* etc.; para a form. de subst. der. de verbos, ver o que se diz em -ação. [grifo nosso]

Semelhantemente ao que acontece no NDA, o verbe de –ção no DEH também remete a –ão. Já no início do verbe, –ção é identificado como uma “terminação”, entendido como um segmento “sem significado próprio”; mas, na sua quarta acepção, o formante é apresentado como “sufixo” (o que nos parece contraditório). É justamente essa quarta acepção

⁵ Pelos exemplos apresentados (“aparecimento, corrimento, crescimento”), vemos que esse –imento, citado com forma equivalente a –mento do NDA, corresponde à forma em que a vogal do tema de segunda conjugação sofre elevação vocálica, diferente de “ferimento”, exemplo citado no corpo do verbe, em que temos base verbal de terceira conjugação.

que mais interessa ao nosso estudo, pois há evidências de tratar-se, aqui, do sufixo nominalizador: são identificados dados da formação de palavras, como a categoria da base (verbo) e a categoria e subcategoria da palavra derivada (substantivo abstrato). Como particularidade desse sufixo, as palavras por ele formadas podem ser base para outras a serem construídas, já que “potencializam adjetivos em –cional”, seguindo-se uma cadeia de derivação que pode levar à construção de novo verbo, agora em –izar, com alusão à terminação –ização.

Ao final do verbete, consta remissão à entrada –ação. Este dicionário traz, também, entradas específicas a –eção e a –ição, que, embora abordando particularidades na derivação deverbal, remetem a –ação. Algumas informações trazidas nesses verbetes, identificados como de “elemento de composição”, são importantes e pertinentes ao nosso estudo, como:

- a) o fato de que qualquer verbo português de primeira conjugação pode ser nominalizado em –ação;
- b) a existência de uma “tendência regularizadora”, especialmente “no informal de várias regiões da língua”, de manutenção da vogal do tema, construindo-se palavras em –eção⁶, embora os verbos de segunda conjugação nominalizem em –ição (com elevação da vogal do tema);
- c) a alusão à intencionalidade no uso de palavras com um desses elementos de composição, embora não sejam previamente conhecidas, e à sua aceitabilidade por parte dos usuários da língua; e
- d) o reconhecimento de sufixos concorrentes que podem bloquear o emprego de –ção (como em *casamento* e *piscadela*) e de formas duplas, que permitem “coexistências semanticamente distintas” (como *chupação*; *chupadela*; *chupamento*).

Comentários como esses, constantes no interior dos verbetes, revelam reflexões do lexicógrafo sobre a língua. Informações dessa natureza são vistas, também, no verbete de –ão, apresentado como “terminação” e que agrupa as palavras em cinco classes. Somente o primeiro grupo é de interesse aqui, por abranger “substantivos femininos abstratos” construídos a partir “de radicais verbais”, como visualizamos aqui:

-ão

□ terminação segundo os padrões *são* ('sadio') < lat. *sanu-*, *can* (*cam*, *cã*) ('canino') < lat. *cane-* e *leçon* (*leçom*) < lat. *lectione-*, tornados todos *são/cão/llição*; [...] na atualidade, as pal. em *-ão* podem ser grupadas em cinco classes: 1) *-ão substantivo verbal* trata-se de subst. femininos abstratos, com a só fl. de pl., de rad. verbais, na quase totalidade do supn.; oriundos de *-io, iónis* clássico, lat.vulg. *-ione-* > *-om* (*-on*, *-õ*), pl. *-iones* > *-ões*, no curso do sXVI o sing. converge foneticamente para a term. geral nasal nominal *-ão*, mantendo a fl. de pl. original *-ões*: ocorre com a term. *-ção*, a rigor formada do *-t* final do supn. + o suf. *-ione-*, que evolui para *-çom/-ções* > *-ção/-ções*; essa evolução faz com que, nos v. da nossa 1ª conj. (quase todos provindos da 1ª conj. lat.), o rad. do supn. se confunda com o rad. verb. geral (pois se trata, na imensa maioria dos casos, de v. regulares), daí depreendendo-se que, por princípio, qualquer v. da 1ª conj., no tema (isto é, seu rad. geral + a vogal temática *-a-*), gere seu subst. verb. (isto é, de ação, de abstração da ação) com *-ção*; o princípio só não é realmente de todos os v., porque a form. de subst. verbais sofre a influência de vários outros suf. para o mesmo (aproximativamente) fim (como *-mento*, *-ura*, -

⁶ Dos 16 exemplos citados no verbete de –eção do DEH, apenas dois são palavras atestadas nesse dicionário: *lambeção*, que tem como única acepção “m.q. lambição”; e *moeção*, cuja única acepção é “m.q. moedura”.

gem etc., além da der. regressiva e da presença de *-ão* como suf. agente e paciente ou instrumental, ver [3]; daí, a existência potencial ou virtual de um sem-número de subst. verbais (de quaisquer conj.) não dicionarizados, mas cujo valor de intercurso *ad hoc* é conspícuo entre falante e ouvinte nas situações verbais (orais ou escritas) pertinentes; eis um exemplário (em que se omite o suf.): (1ª conj.) *abalroa-*, *abana-*, [...]; (2ª conj.) *absolvi-*, *mordi-*; (3ª conj.) *abri-*, *adi-*, [...]; o fato é que suf. tornado formador de subst. de ação, abstração, atuação, conexo com o sentido do v. originador, -ção apresenta-se precedido das vogais temáticas *-a-*, *-e-*, *-i-* (da 1ª, 2ª e 3ª conj., respectivamente), bem como das vogais *-o-* e *-u-*; destarte, remete-se para *-ação*, *-eção*, *-ição*, *-oção* e *-ução*; [grifos nossos]

Conforme o verbete, após ser revelada a evolução da “terminação” *-ão* para *-ção*, este, sim, será identificado como “sufixo tornado formador de substantivo de ação, abstração, atuação, conexo com o sentido do verbo originador”. É importante observarmos que são retomadas, neste verbete, algumas reflexões encontradas anteriormente, como a possibilidade de nominalização em *-ção* aos verbos de primeira conjugação e, especialmente, a possibilidade de diferenciações semânticas entre os sufixos concorrentes, dada a palavra ‘*aproximativamente*’ na referência à existência de ‘*vários outros suf. para o mesmo (aproximativamente) fim*’. Junto com a noção de aceitabilidade dos locutores/interlocutores quanto ao uso dessas palavras não atestadas, consta nesse verbete uma reflexão quanto à limitação lexicográfica e a um léxico potencial, pois reconhece ‘*a existência potencial ou virtual de um sem-número de substantivos verbais (de quaisquer conjugações) não dicionarizados*’ que tendem a ser aceitos pelos usuários da língua.

Essas discussões seguem-se também no verbete de *-mento* que, diferentemente das demais entradas lexicográficas trazidas aqui, é logo de início identificado como “sufixo”. O verbete, parcialmente reproduzido a seguir, é estruturado a partir de duas acepções do sufixo:

-mento

□ **sufixo 1) de orig. lat. vulgar *-mentu*, formador de substantivos der. de verbos, tornado extremamente fecundo, com as term. *-amento* em verbos da 1ª conj. e *-imento* em verbos da 2ª e 3ª conj. (exemplificados, não exaustivamente, a seguir, em *a*, *b* e *c*): a) *abafamento*, *amontoamento*, [...]; b) *abastecimento*, *adoecimento*, [...]; c) *abstraimento*, *afligimento*, [...]; é evidente a fecundidade deste suf., que, ademais, concorre com outros formadores de subst., como *-ção*, *-dade*, *-ura*, *-eza* etc., de modo que subst. de tais form. tendem a ser abundantes na língua, por vezes com matizes semânticos diferenciais muito pequenos, na dependência das intenções dos usuários decisores; 2) com semelhante tipo de form. - isto é, subst. conexos com verbos, há uns quantos como puros cultismos, isto é, latinismos cujos v. não se representam em port. (ou se representam por outros cog.): *adimplemento* (*ad + im + pleo,es,évi,plétum,plére* 'encher' + *-mentum*), [...], *jumento* (**jugumentum*, de *jungo, is, junxi, junctum, jungère* 'meter no mesmo jugo, jungir, ajoujar'), [...]; são puros latinismos, ainda, *memento* ('lembrete', imperativo do v. *meminisse*), *omento*, *sarmento*, *tomento* e *tormento*; *escarmento* é de étimo controverso [grifos nossos]**

A primeira acepção do verbete, apresenta *-mento* como sufixo nominalizador – “formador de substantivos derivados de verbos”⁷ – que pode ser expresso em português através de duas diferentes terminações, conforme a conjugação do verbo de base: *-amento* (para verbos da 1ª conjugação) e *-imento* (para verbos de 2ª e 3ª conjugações). Vemos que o

⁷ Uma vez que é identificada a categoria verbal como base para a construção de palavras com o sufixo nominalizador *-mento*, concluímos, então, que não é considerada a possibilidade de atualização do sentido de “coleção” (citado no NDA), cuja base deveria ser, então, um substantivo.

próprio verbete remete à produtividade desse sufixo (“tornado extremamente fecundo”), à diferenciação semântica na concorrência com outros sufixos e à intencionalidade do usuário da língua, pois é reconhecida a existência de “matizes semânticos diferenciais muito pequenos, na dependência das intenções dos usuários decisores”.

A segunda acepção do verbete refere-se a “substantivos conexos com verbos”. Surge, então, a necessidade de fundamentação teórica que permita discutir se os exemplos apresentados são, de fato, palavras com o ‘sufixo’ –mento (como identificado no início do verbete) ou palavras simplesmente com a ‘terminação’ –mento (sem o caráter derivacional que caracterizaria o segmento como sufixo). De fato, entre os exemplos citados, encontramos tanto substantivos deverbiais formados por derivação regressiva (“experimento”), quanto palavras simples, que não têm base verbal (“pigmento”, “jumento”). Fica, então, o questionamento acerca da procedência dessa segunda acepção num verbete específico de “sufixo nominal”.

Ao analisarmos, aqui, o registro de itens afixais em dois dicionários vernaculares, deparamo-nos com alguns problemas, tanto no que concerne à seleção e adequada identificação das entradas lexicográficas, quanto no que atine aos dados que constituem o corpo dos verbetes. Constatamos que há insuficiência de informações específicas sobre os itens definidos: se por um lado, o DEH exhibe verbetes com mais dados do que o NDA, por outro lado, falta-lhe apresentar com clareza o sentido associado às palavras com –ção e com –mento, o que é feito no NDA.

Em resposta à carência de fundamentação teórica dos dicionários vernaculares, passaremos à terceira seção desse estudo, que tratará da Morfologia Construcional como modelo linguístico a ser tomado como base para as decisões pertinentes ao registro lexicográfico.

3. Os itens afixais conforme a Morfologia Construcional.

Apresentaremos, na presente seção, os pressupostos teóricos da Morfologia Construcional⁸, conforme Corbin (1987), especialmente no seu aspecto descritivo, entendendo que esse modelo linguístico traz importante contribuição ao conhecimento dos sufixos, descortinando dados relativos à identidade, definição e propriedades dos itens afixais. As características e pressupostos do modelo construcional a serem mencionados aqui visam, especificamente, a uma descrição ótima dos afixos, capaz de fundamentar decisões próprias do registro lexicográfico, tanto com relação à identificação das entradas quanto ao conteúdo dos verbetes.

Cumpre-nos salientar que a Morfologia Construcional está incluída num quadro linguístico gerativista, que reconhece a competência linguística como faculdade inata do ser humano⁹, e lexicalista, que reconhece a existência de um nível derivacional autônomo no léxico. Como característica principal do modelo, destacamos seu aspecto associativo, que privilegia a construção conjunta da estrutura morfológica (forma) e da interpretação semântica (sentido) das palavras construídas na língua. É um modelo sincrônico, que considera a língua no seu estágio atual, e estratificado, que permite identificar diferentes níveis de estruturação

⁸ Proposto por Danielle Corbin (1987), o modelo construcional tem sido desenvolvido pelos membros do centro de pesquisa SILEX (Syntaxe, Interprétation et Lexique – UMR CNRS), da Universidade de Lille III, na França, com aplicação a várias línguas românicas e ao grego moderno (CORREIA, 2004, p. 27).

⁹ A Morfologia Construcional reconhece uma competência derivacional, que permite a elaboração inconsciente de regras, e um saber lexical das convenções da língua, de aprendizagem idiossincrática.

do léxico. Tais características do modelo têm influência direta no estudo dos itens afixais, ao que se soma o conceito de “palavra construída”:

Un mot construit est un mot dont le sens prédictible est entièrement compositionnel par rapport à la structure interne, et qui relève de l’application à une catégorie lexicale majeure (base) d’une opération dérivationnelle (effectuée par une RCM) associant des opérations catégorielle, sémantico-syntaxique et morphologique. (CORBIN, 1987, p. 6)

Uma palavra construída revela um sentido composicional predizível correspondente a uma estrutura interna complexa, dada pela aplicação de uma operação derivacional sobre uma base, meio de regras de construção de palavras (RCP), as quais associam as operações categorial, semântico-sintática e morfológica (afixos, operação de conversão e, no caso do português, o processo de derivação regressiva).

O estudo dos sufixos com vistas ao seu registro lexicográfico requer que nos dediquemos, aqui, à sua localização no componente lexical da gramática, mencionando as informações que lhe são inerentes e o seu papel na construção das palavras. Dado o caráter estratificado do modelo, vemos o Componente Lexical como um conjunto de três níveis hierarquizados e ordenados, constituídos por itens lexicais e por operações lingüísticas (CORBIN 1987, p. 416). Conhecendo esses estratos do léxico, observaremos que os itens afixais desempenham papel específico em cada um deles:

- a) O Componente de Base, de caráter idiosincrático, traz a lista das “entradas lexicais de base”, incluindo todos os itens não construídos na língua, complexos ou não, bem como os afixos, identificados como “entradas lexicais afixais”. Ali operam as “regras de base”, para aproximar entradas independentes (CORBIN, 1987, p. 426);
- b) no Componente Derivacional, gerativo por excelência, operam as RCPs, cuja aplicação prevê a inserção de um item lexical de categoria maior e de uma operação morfológica (um afixo), resultando nas “palavras construídas possíveis” na língua, caracterizadas por serem regulares, predizíveis e de número infinito, embora nem todas sejam atestadas no léxico atual (CORBIN, 1987, p. 418 e 502);
- c) no Componente Convencional, o “léxico de direito” (output do Componente Derivacional) torna-se “léxico de fato”, o Léxico Convencional¹⁰, mediante a aplicação de filtros sucessivos e hierarquizados¹¹ (CORBIN, 1987, p. 415) que levam à inserção sintática. Entre esses “filtros”, temos as regras menores, que podem ser destravadas por traços constantes nos elementos afixais.

Conforme vemos, os afixos localizam-se no Componente de Base, mas atuam também nos outros dois níveis do Léxico. Desde sua inscrição naquele primeiro nível, como “entrada lexical afixal”, cada afixo traz informações que lhe são inerentes, incluindo: (a) sua marca categorial [Afixo] que os distingue dos itens de categoria maior; (b) sua representação fonológica, (c) seus traços diacríticos e (d) a referência à RCP a que se associa (CORBIN, 1987, p. 454). As entradas afixais podem conter também informações sobre propriedades

¹⁰ A autora define “léxico convencional” como “l’ensemble lexicallisé instable des mots et propriétés résultant de l’action des filtres successifs sur l’output du composant dérivationnel et sur les entrées lexicales de base” (CORBIN, 1987, p. 418).

¹¹ As regras e operações constantes no Componente Convencional, identificados como “filtros” à inserção lexical, são aplicadas na seguinte ordem: regras de alomorfia; aplicador de idiosincrasias; regra de truncamento; regras semânticas menores; selecionador (CORBIN, 1987, p. 382 e 417).

idiossincráticas que respondem por restrições particulares que pesam sobre cada afixo, impedindo-os de adjungirem-se a determinadas bases.

Dentre as informações inerentes aos itens afixais, os traços diacríticos (c) são de especial interesse ao morfologista, pois individualizam os afixos e consagram as diferenciações entre um e outro, inclusive entre as formas concorrentes. Além disso, respondem pela participação ativa dos itens afixais no Componente Convencional, à medida que tais traços destravam as regras menores formais. Os traços diacríticos dos elementos afixais abrangem informações de diferentes naturezas, como: a sua disponibilidade na língua (traço $[\pm D]$); a referência a regras menores (traços ativo e/ou passivo para alomorfia e truncamento: $[A+]$, $[+A]$, $[T+]$ e $[+T]$); o gênero a ser atribuído à palavra construída ($[masc]$ ou $[fem]$); a subcategorização do afixo, conforme sua posição na estrutura da palavra ($[prefixo]$ ou $[sufixo]$), entre outros (CORBIN, 1987, p. 576).

Destacamos, ainda, a importância da referência à RCP (d) de atuação dos afixos na construção de palavras (no Componente Derivacional). A relevância de tal informação é descortinada ao conhecermos melhor a RCP, que é assim apresentada por Corbin (1987):

Une règle de construction de mots (RCM) associe une structure morphologique mettant en jeu un rapport catégoriel (orienté) entre deux et seulement deux catégories lexicales semblables ou différentes, une opération sémantique et un ensemble d'opérations morphologiques non combinables entre elles en nombre supérieur ou égal à 1. (CORBIN, 1987, p. 257)

Uma RCP se constitui, então, a partir de uma relação categorial (RC) orientada entre duas categorias maiores (a da base e a da palavra a ser construída), a qual é aplicada somente uma operação semântica (OS)¹². Uma RCP envolve, ainda, um paradigma morfológico (PM) identificado como um conjunto de operações morfológicas (OM) possíveis de serem associadas à RC e à OS dadas, em que cada nova palavra será construída com apenas uma dessas OMs. Por OM entendem-se os afixos (prefixos e sufixos), a operação de conversão e, como vemos em português, a operação de derivação regressiva. Uma RCP pode ser resumida na seguinte equação:

$$\text{RCP} = 1 \text{ RC} + 1 \text{ OS} + 1 \text{ PM (nOM)}$$

Fig. 1 – Equação de uma RCP.

A equação expressa na Figura 1 revela que o sentido da palavra a ser construída (a OS) não é associado diretamente ao afixo (OM utilizada na construção da palavra), mas vincula-se à própria regra. Destacamos, ainda, que os afixos são empregados na construção de palavras por pertencerem ao PM de uma, e apenas uma RCP. Quanto a isso, Corbin (1987, p. 257) esclarece-nos que embora a um PM sejam associadas muitas OM (fazendo com que os afixos sejam concorrentes), cada OM (cada afixo) pertence ao paradigma de uma única regra.

A associação de um afixo a mais de uma RCP é, então, apenas aparente: na verdade, teremos tantos afixos homônimos quantas regras às quais eles se associam. Podemos reconhecer a homonímia se tivermos itens afixais idênticos na sua forma, mas associados a

¹² A operação semântica (OS) de uma RCP se traduz em uma paráfrase da palavra construída contendo necessariamente a base empregada.

diferentes RC e/ou diferentes OS, em que esses sentidos não são semanticamente deriváveis um do outro (CORBIN, 1987, p. 258).

De fato, há situações em que um sentido atualizado por uma palavra construída (que tem uma OM) parece ser apenas parcialmente diferente daquele expresso pela OS vinculada à regra, derivando semanticamente do sentido regular, intrínseco à regra. São casos de palavras que, tendo sido construídas por uma RCP, no Componente Derivacional, sofrem a atuação de uma Regra Semântica Menor (RSM) no Componente Convencional. Diferentemente das regras menores formais, as RSM não são destravadas por traços afixais, mas pela ação do Aplicador de Idiossincrasias¹³ sobre um conjunto de palavras construídas por uma RCP, trazendo-lhes novas nuanças de sentido: o sentido convencional (CORBIN, 1987, p. 379).

Sabemos que a interpretação semântica de uma palavra construída não provém diretamente da OM, como informação inerente ao item afixal, mas é associada à RCP, como sentido intrínseco dado pela OS, ou decorre da aplicação de RSM, no caso de eventuais sentidos convencionais. Entretanto, entendemos como indispensável tal abordagem neste estudo, uma vez que a OS, juntamente com a RC, identificam a regra em que o afixo atua, cuja referência, esta sim, consta entre as “informações afixais” do Componente de Base.

Assim, nesta seção nos limitamos a apresentar apenas os aspectos do modelo construcional necessários para fundamentação teórica do registro lexicográfico dos itens afixais, tanto para a seleção das entradas quanto para o conteúdo dos respectivos verbetes. A aplicação desse aporte teórico aos objetivos do nosso estudo será assunto da próxima seção.

4. Aplicação teórica aos registros lexicográficos e proposição de verbetes afixais

Constatamos, na segunda seção desse artigo, que os registros atuais dos itens afixais nos dicionários vernaculares apresentam problemas tanto na seleção e identificação das respectivas entradas quanto nas informações que constituem o corpo dos verbetes. Assumindo como fundamentação teórica ao registro lexicográfico o aspecto descritivo da Morfologia Construcional (apresentado na seção três), nos ocuparemos, nesta seção, com a aplicação do modelo no registro dos sufixos –ção e –mento.

As características e princípios do modelo serão utilizados nas decisões necessárias tanto à macroestrutura quanto à microestrutura relativas aos itens afixais nas obras dicionarísticas. Sendo assim, cabe-nos esclarecer aqui que o caráter sincrônico do modelo garante a existência do sufixo –ção em português, sem que seja necessário reportar-se a sua possível origem em –ão.

Com relação à organização da nomenclatura do dicionário, entendemos que todos os itens inscritos no Componente de Base do Léxico, incluindo as “entradas lexicais afixais”, devem ser tomados como entradas lexicográficas. Corbin (1987, p. 458) refere como condição para delimitação dos itens afixais a sua participação recorrente em uma (e apenas uma) RCP. Assim, ao observarmos os demais fatores apresentados na equação de uma RCP (Figura 1), ou seja, a relação entre as categorias da base e da palavra afixada (RC) e o sentido da nova palavra (OS), chegaremos à identidade dos afixos estudados, reconhecendo, inclusive, eventuais casos de homonímia.

A partir da equação de RCP, apresentada na seção anterior, e da análise de palavras com –ção e com –mento coletadas nos dicionários NDA e DEH para *corpus* da pesquisa

¹³ O Aplicador de Idiossincrasias (A.I.) é outro filtro do Componente Convencional que, no caso das Regras Semânticas Menores, é responsável por atribuir, à totalidade da palavra construída e não somente a um dos seus elementos constituintes, um traço idiossincrático, seja de forma *ad hoc*, seja em decorrência do contexto, conforme propriedades semânticas das bases (CORBIN, 1987, p. 379 e 382).

desenvolvida em Santos (2006), podemos definir a RCP de nominalização, a que estão associados os dois sufixos em questão, como segue:

<p>RCP₁ RC: V→N OS: N= “ação ou processo de V” PM: –ção₁, –mento₁, –dura, –gem, –da, derivação regressiva etc.</p>
--

Fig. 2 – RCP de nominalização.

A RCP de nominalização (Figura 2) constrói um nome deverbal (pela relação V→N), com o sentido intrínseco de “ação ou processo de V”, a partir de uma das OM pertencentes ao paradigma que inclui os sufixos –ção₁ e –mento₁, entre outros, devendo, cada sufixo, constar como entrada lexicográfica. Na abrangência dessa regra, encontramos exemplos como *educação* e *aparecimento* (citados nos verbetes do DEH e do NDA, respectivamente). Não pode ser incluída aí, porém, a palavra *fardamento*, com o sentido de “coleção de N” (do verbete de –mento do NDA), pois trata-se de um nome construído sobre base nominal (na RC:N→N), com interpretação semântica diferente daquela da nominalização deverbal. Como cada OM (afixo) pertence a apenas uma RCP (regra), constatamos tratar-se de um outro sufixo (–mento₂), homônimo daquele, pertencente ao PM de outra regra (RCP₂). Espera-se, então, que –mento₂¹⁴ conste, no dicionário, como entrada independente de –mento₁.

Outro caso de formante homônimo é encontrado em *pigmento* (do verbete do sufixo –mento no DEH), que traz o segmento –mento₃, sem estatuto sufixal, caracterizando-se como mera terminação de palavras (neste caso, de palavra não-construída na língua). Semelhantemente, *aviação*, com sentido de “navegação aérea”, é palavra não-construída em português, portadora da terminação –ção₃, homônima do sufixo nominalizador. Como as “terminações” não são elencadas no Componente de Base, não há exigência teórica para sua inserção na nomenclatura dos dicionários, cabendo ao lexicógrafo a livre decisão quanto ao seu registro.

Embora reconhecendo a existência de formantes homônimos, no presente estudo nos limitaremos à aplicação do aspecto descritivo da Morfologia Construcional aos verbetes de –ção₁ e de –mento₁, nominalizadores. Lembremos que, no Componente de Base, as entradas afixais são acompanhadas de “informações lexicais afixais”. Assim, os verbetes dos sufixos em questão devem informar: a marca categorial [af], as suas respectivas representações fonológicas (/sãw/ e /mentu/), os traços diacríticos e propriedades contextuais específicos de cada um, além da referência à RCP₁, regra em que atuam.

Como a subcategorização do item como sufixo é um dos traços a ser registrado, sugerimos que tal informação conste no início do verbete, tornando redundante (e dispensável) a marca categorial [af]. Os demais traços diacríticos a serem registrados são: o gênero da palavra a ser construída (–ção₁ constrói nomes femininos e –mento₁ nomes masculinos); a disponibilidade desses sufixos (informando que “podem ser amplamente empregados na língua”); e os traços desencadeadores de regras menores formais (no caso, alomorfa da base verbal pela elevação da vogal temática de segunda conjugação: [EV+]).

A referência à regra em que atua é informação indispensável ao afixo. Convém, entretanto, que seu registro seja feito a partir dos elementos que a compõem – no nosso caso,

¹⁴ O corpus de análise (SANTOS, 2006) não foi suficiente para que se constatasse a existência de um eventual sufixo °–ção₂ denominal, homônimo de –ção₁ e pertencente ao mesmo PM de –mento₂.

pela apresentação, com termos acessíveis aos usuários, de cada um dos dados constantes na RCP de nominalização (Figura 2). Assim, a RC envolvida na regra pode ser explicitada informando-se, no início do verbete, que o sufixo “constrói nomes a partir de verbos”. Já o PM a que pertence o sufixo pode ser apresentado como uma das últimas informações, com valor remissivo a outros formantes concorrentes, também elencados da nomenclatura desse dicionário.

Conforme o modelo, o sentido composicional predizível é propriedade da regra (RCP) e não da OM (do afixo) empregada na construção da palavra. Por essa razão, a OS da regra deve ser apresentada devidamente associada à palavra a ser construída com o sufixo trabalhado. Vimos, na seção anterior, que algumas palavras construídas por uma regra podem ter seu sentido original alterado devido à atuação de uma regra menor no Componente Convencional. Na pesquisa desenvolvida em Santos (2006), a análise de palavras com $-ção_1$ e com $-mento_1$ a partir de matrizes subcategoriais fundamentadas nos processos semânticos derivativos de Chafe (1976) permitiu a identificação do sentido intrínseco à RCP₁¹⁵ e o reconhecimento de duas RSM, responsáveis por novas nuances de sentido a algumas palavras construídas por aquela regra:

Sobre alguns nomes assim construídos, podem ser aplicadas: (a) a RSM₁, que atualiza o sentido de “resultado da ação ou do processo de V” aos nomes abstratos tornados de estado (Nae) por processo semântico derivativo resultativo; ou (b) a RSM₂, que atualiza o sentido de “produto, instrumento ou local da ação ou do processo de V” a palavras que sofreram processo semântico de concretização, subcategorizadas, então, como nomes concretos. (SANTOS, 2006, p. 170)

O registro lexicográfico completo dos sufixos associados à RCP₁ deve disponibilizar as informações relativas aos sentidos convencionais decorrentes da eventual aplicação dessas regras menores, enumerando-as como novas acepções passíveis às palavras construídas. Assim, o sentido possível de “resultado da ação ou do processo de V”, relativo à RSM₁ deve ser apresentado nos verbetes dos dois sufixos estudados. Por outro lado, o sentido próprio da RSM₂ de “produto, instrumento ou local da ação ou do processo de V” cabe somente ao verbete de $-mento_1$. No verbete de $-ção_1$ convém limitar-se o sentido da RSM₂ a “produto, instrumento ou local da ação de V”, pois o corpus da referida pesquisa não atestou a aplicação dessa regra menor a bases subcategorizadas como verbos processuais.

Além dos dados relativos às “informações lexicais afixais” inerentes aos afixos, o registro lexicográfico de tais itens pode trazer, também, as propriedades particulares de emprego dos respectivos sufixos, apresentando situações eventuais de restrição ou de preferência junto a algumas terminações¹⁶. Nesse sentido, o verbete de $-ção_1$ pode esclarecer que esse sufixo não é empregado junto a verbos em $-ecer$ e, por outro lado, é a OM mais utilizada com verbos em $-mentar$ e com o sufixo $-izar$. Da sua parte, ao verbete de $-mento_1$ cabe informar sobre a restrição de emprego desse sufixo com verbos terminados em $-mentar$ e a sua preferência junto a verbos em $-ecer$ e em $-cionar$ ¹⁷. Como última informação,

¹⁵ Todas as palavras construídas pela RCP₁ têm o sentido predizível pela OS: “ação ou processo de V”, em que o sentido de “ação de V” ou de “processo de V” é definido a partir da subcategorização do verbo de base (SANTOS, 2006, p. 190).

¹⁶ Segundo Sandmann (1996, p. 54), motivos eufônicos podem fazer com que um sufixo seja rejeitado em determinado contexto.

¹⁷ Acerca das restrições e preferências de uso dos sufixos $-ção_1$ e $-mento_1$, sugerimos a consulta a SANTOS (2006, p. 60 e 61) onde são apresentados os posicionamentos de especialistas como Basílio (2004), Monteiro (2002) e Sandmann (1996), entre outros.

lembramos que é interessante mencionar nos verbetes afixais as eventuais formas homônimas ao sufixo abordado.

Conhecendo os dados que devem constar no registro dos sufixos, chegamos à seguinte proposta do verbete de $-\text{ção}_1$:

$-\text{ção}_1$ /sãw/ Sufixo. Constrói nomes femininos a partir de verbos (V \rightarrow N) com sentido de: 1. “ação ou processo de V” (N abstrato de ação ou N abstrato de processo): *afiação, demolição, igualação, pipocação*; Sentidos Derivados: 2. “resultado da ação ou do processo de V” (N abstrato de estado): *adoração, empolgação, curtição, duração, irritação*; 3. “produto, instrumento ou local da ação de V” (N concreto): *pichação, forração, arrebenção*. Pode ser amplamente empregado sobre bases verbais, sendo que, com verbos de segunda conjugação, em geral constrói palavras terminadas por $-\text{ição}$: *absolvição, rendição*. Não é empregado com verbos terminados em $-\text{ecer}$; por outro lado, é o sufixo mais utilizado com verbos terminados por $-\text{mentar}$ e com verbos com o sufixo $-\text{izar}$: *fragmentação, japonização*. Na construção de palavras, concorre com outros sufixos, como $-\text{mento}_1$, $-\text{dura}$, $-\text{gem}$, $-\text{da}$, etc., e com a nominalização por derivação regressiva. [Forma homônima: terminação $-\text{ção}_3$].

Fig. 3 – Proposta de verbete de $-\text{ção}_1$.

Semelhantemente, apresentamos aqui nossa proposta do verbete de $-\text{mento}_1$:

$-\text{mento}_1$ /mentu/ Sufixo. Constrói nomes masculinos a partir de verbos (V \rightarrow N) com sentido de: 1. “ação ou processo de V” (N abstrato de ação ou N abstrato de processo): *proferimento, esmagamento, agravamento, bombeamento*; Sentidos Derivados: 2. “resultado da ação ou do processo de V” (N abstrato de estado): *endeusamento, isolamento, relaxamento, desmemoramento, afobamento*; 3. “produto, instrumento ou local da ação ou do processo de V” (N concreto): *posteamto, equipamento, alojamento*. Pode ser amplamente empregado na construção de palavras sobre bases verbais em português, sendo que, com verbos de segunda conjugação, em geral constrói palavras terminadas por $-\text{imento}$: *rendimento, corrimto*. Não é empregado com verbos terminados em $-\text{mentar}$; por outro lado, é o sufixo mais utilizado com verbos terminados por $-\text{ecer}$ e com verbos com $-\text{cionar}$: *esquecimento, acondicionamento*. Na construção de palavras, concorre com outros sufixos, como $-\text{ção}_1$, $-\text{dura}$, $-\text{gem}$, $-\text{da}$, etc., e com a nominalização por derivação regressiva. [Formas homônimas: sufixo $-\text{mento}_2$; terminação $-\text{mento}_3$].

Fig. 4 – Proposta de verbete de $-\text{mento}_1$.

É certo que outras informações poderão ser incorporadas ao verbete de um item afixal. Do que temos trabalhado até então, entendemos que as Figuras 3 e 4 apresentam um correto registro lexicográfico desses sufixos nominalizadores, coerente ao modelo linguístico proposto. Diante do exposto, passaremos às considerações finais.

5. Considerações finais

Nesse estudo metalexiconográfico sobre os itens afixais, desenvolvido a partir da observação dos verbetes relativos a *-ção* e *-mento* no NDA e no DEH, constatamos que os problemas quanto ao registro lexicográfico dos afixos decorrem da falta de embasamento teórico que sustente a obra lexicográfica e que garanta coerência quanto à sua organização macro e microestrutural. Ao considerarmos o lugar e a relevância dos afixos dentro dos estudos lexicais, reconhecemos a importância de sua inclusão como entradas lexicográficas e a necessidade de que os registros desses itens contemplem todas as informações relativas à sua identificação, definição e exploração das suas propriedades.

Nesse sentido, assumimos, aqui, a perspectiva descritiva da Morfologia Construcional proposta por Corbin (1987), como fundamentação teórica para o registro lexicográfico dos itens afixais. A partir das características do modelo (de associatividade, sincronia e estratificação), aliadas ao conceito de regras de construção de palavras e aos princípios que as norteiam, chegamos à identificação dos sufixos *-ção₁* e *-mento₁*, que devem constar na nomenclatura do dicionário. A comprovação da existência de afixos homônimos exige seu registro como entradas independentes (caso de *-mento₂*). Entendemos, porém, que o registro de formantes sem estatuto afixal, reconhecidas aqui como meras terminações de palavras, depende da decisão do lexicógrafo, em conformidade com a Apresentação da obra dicionarística (caso de *-ção₃* e *-mento₃*, homônimos aos sufixos nominalizadores).

A inscrição dos sufixos no Componente de Base, primeiro nível de estratificação do Léxico, revela o que deve ser apresentado no corpo dos respectivos verbetes. São inerentes a esses itens as “informações lexicais afixais”, que os caracterizam e garantem sua identidade na língua: marca categorial afixal, representação fonética, traços diacríticos (ao que juntamos as propriedades contextuais ao seu emprego) e a referência à RCP em que atuam. Salientamos que, no verbete, a informação quanto à regra de atuação do afixo deve se dar a partir dos elementos que a constituem: a relação categorial entre a base e a palavra a ser construída, a operação semântica (vinculada à regra, e não ao sufixo) e o paradigma morfológico a que pertence o item afixal como operação morfológica a ser empregada na construção da palavra.

Destacamos que o modelo prevê a construção conjunta da forma e do sentido da palavra através de RCP aplicadas no Componente Derivacional. Assim, o sentido predizível de uma palavra não é vinculado à operação morfológica (ao afixo), mas à própria regra, atribuído pela OS (no caso: “ação ou proceso de V”). Como cada afixo participa de uma única regra, é esperado que o registro lexicográfico afixal contemple também a interpretação semântica, esclarecendo-se que essa é associada à palavra a ser construída. Se algumas palavras construídas regularmente com determinado afixo forem passíveis de alterações semânticas, adotando novas nuances de sentido devido à aplicação de RSM no Componente Convencional, é importante que também esses sentidos convencionalizados constem no verbete do afixo, registrados como novas acepções possíveis.

A conclusão de que a Morfologia Construcional contribui para os estudos lexicográficos, tanto na seleção das entradas lexicográficas quanto no reconhecimento das informações que constituem o verbete dos itens afixais, revela que alcançamos o objetivo desse estudo, permitindo que culminemos com a proposição do registro lexicográfico de dois sufixos da língua portuguesa: *-ção₁* e *-mento₁*.

Referências

- BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, volume II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.
- CHAFE, Wallace L. *Significado e estrutura lingüística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- CORBIN, Danielle. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Tubinga: Max Niemeyer Verlag, 1987.
- CORREIA, Margarita. *Denominação e construção de palavras: o caso dos nomes de qualidade em português*. Lisboa: Colibri, 2004.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*, versão 5.0, edição revista e atualizada. Curitiba: Positivo Informática Ltda, 2004.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, versão 1.0.7, Editora Objetiva Ltda, setembro de 2004.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. 4ª edição revista e ampliada. Campinas: Pontes, 2002.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.
- SANTOS, Carla Maria Bastos dos. *Os sufixos –ção e –mento na construção de nomes de ação e de processo: contribuições à prática lexicográfica*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006.